A DISCURSIVIDADE DO GÊNERO CHARGE EM AMBIENTES DIGITAIS

Daniela da Silva Vieira (UFSJ)
danibraxton@ig.com.br

Segundo Marcuschi (2004), as novas tecnologias, em especial o computador, têm sido incorporadas de forma intensa, no cotidiano das pessoas e das instituições. Assim, considerando que o uso da língua é afetado diretamente pelo contexto, considera-se que a linguagem também tenha sido modificada de forma direta por essas tecnologias. O autor ressalta que uma das características mais produtivas do computador é reunir, num só meio, a integração de vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas de movimento e que a linguagem dos gêneros advindos das novas tecnologias "torna-se cada vez mais plástica, assemelhando-se a uma coreografia" (p. 21). Analisamos que no caso dos gêneros que já apresentam um determinado uso e funcionalidade, como é o caso da charge, o investimento nas tecnologias permite enfatizar ainda mais os seus objetivos. Pretende-se analisar como charges multimodais, criadas por Maurício Ricardo e oriundas do site http://www.charges.com, constroem a identidade da política brasileira, a partir da análise crítica de escândalos políticos cometidos pelos senadores Renan Calheiros e José Sarney, no segundo mandato do presidente Lula. Ao final da pesquisa reconhecemos que a integração do verbal, do visual, do sonoro e o movimento, inseridos juntamente no contexto multimidiático enriquecem consideravelmente a composição das charges, por endossarem, em mais de um meio, a representação da política brasileira, através da representação dos escândalos políticos. Partindo da importância de cada um desses elementos, percebemos que as charges podem ser consideradas uma prática social por construir um discurso a partir de diferentes semioses e fazer uma crítica reflexiva particular sobre a política brasileira. Para analisarmos as charges, utilizaremos, como base, os pressupostos teóricos da análise crítica do discurso, da multimodalidade, da linguística sistêmico-funcional e da concepção de gêneros textuais, segundo Marcuschi (2005).